

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 355

Data: 19.02.79

Pg.: 26



**Este índio  
pode  
trazer  
Marlon  
Brando e  
um  
Oscar para  
o Brasil**

*E o cinema  
foi ao Xingu.  
Para  
filmear Raoni.*

Na exibição de Raoni, no MIS, quinta-feira passada, você anunciou a vinda de Marlon Brando ao Brasil. Quando vai ser e o que ele vem fazer?

Barry Williams - A narração em inglês, de Raoni, é feita por Brando, que - todo mundo sabe - é um defensor da causa indígena nos Estados Unidos. Por isso, o diretor Jean Pierre o procurou e pediu sua ajuda em função do Raoni, em termos de fazer narração e de também acrescentar ao filme algumas cenas feitas numa reserva indígena nos Estados Unidos e em Washington, ao final da "Longa Marcha". Foi uma caminhada que os índios fizeram, saindo de Alcatraz, em Los Angeles, atravessando os Estados Unidos, cinco mil quilômetros a pé. Essa marcha, que reuniu de três a quatro mil pessoas, começou em março do ano passado e terminou em Washington, no dia da Independência dos Estados Unidos, com uma manifestação em defesa dos Direitos do Índio. Brando estava junto, com mais algumas personalidades e os chefes indígenas. Fizemos algumas filmagens com ele e estes chefes, em Washington, no Monumento Nacional, quando conversavam, concluindo que o problema dos índios americanos é um problema que existe em outros países mundo e no Brasil, nesse momento. Um problema cujas causas todo mundo conhece, um problema para o qual estamos procurando soluções. A intenção de Marlon Brando, junto com a Tribal Life Found (Fundação Internacional da Vida Tribal, cujo fundador foi o rei Leopoldo, da Bélgica), no momento, é fazer uma projeção beneficente, em fins de fevereiro, em Los Angeles. Essa Fundação visa ao benefício das minorias indígenas. A metade da renda do show será destinada à Tribal Life Found e a outra metade, para os índios do Brasil. Depois desta projeção Brando pretende vir para cá, como manifestação de apoio ao nosso filme.

Além dos Estados Unidos, que outros países vocês estão contatando para a exibição do filme?

Houve interesse de vários países, inclusive latino-americanos. A partir do Festival de Gramado, alguns contatos foram feitos e acredito, nos próximos dois meses, vai ser acertada a distribuição do filme para países europeus, Estados Unidos, enfim, este mundo vai ser visto no mundo inteiro.

Como é o filme Raoni?

É um filme feito no Parque Nacional do Xingu, mostrando na primeira parte quem são essas pessoas de quem nós tanto escutamos falar. Nosso propósito é mostrar quem é o índio, para que as pessoas vejam, sintam que vale a pena esse esforço de demarcar as terras e proteger o índio. A segunda parte do filme começa com o Raoni, chefe dos índios Mekronotis, tomando conhecimento de que as máquinas, os tratores estão chegando aos limites do Parque. A ação se passa em 1976, quando o Parque não estava ainda definitivamente demarcado. Então, na fronteira, os tratores das fazendas começaram a derrubar o mato, de uma forma bem maior do que antes. Quando Raoni, da tribo Mekronoti, vê isso, quando ele vê que uma parte do seu povo, que vivia naquela época fora do Parque, estava sendo ameaçado, ele resolve fazer uma viagem a fim de conversar com as outras tribos da área que, anteriormente, eram inimigas. Mas conversar para se juntar, se unir, uma política conjunta diante da ameaça. A intenção do Raoni era chegar ao general Ismarth, diretor da FUNAI, o que ele conseguiu em 19 de abril de 76, Dia do Índio. Os problemas foram comunicados diretamente ao general. Em seguida, Raoni queria conversar, como ele diz no filme, com "o pai dele". Aí perguntamos: "Quem é seu pai?" e ele respondeu: "O Cláudio Villas Boas". Cláudio e Orlando Villas Boas, para os índios do Xingu, são os pais protetores, pois foram os criadores do Parque. Aí o Raoni vem para São Paulo conversar com o Cláudio, e nós estamos na terceira parte do filme, com o índio aqui, no nosso mundo, vindo São Paulo, a cidade, fazendo comparações entre aquela vida que ele tem na selva e a nossa vida aqui na cidade.

Como é que surgiu a idéia de fazer um filme sobre o problema do índio?

Já tínhamos feito vários filmes em 16mm para a televisão. Começamos em 73, com a primeira visita ao Xingu. No ano seguinte, Jean Pierre foi para a Nova Guiné e fez um filme sobre o povo que vive nos pantanais, na parte sul da Nova Guiné. Com Raoni voltamos, simplesmente, a abordar a questão das minorias, que nos interessa bastante.

Foi fácil chegar ao Parque Nacional do Xingu? Alguns de vocês já conheciam os Villas Boas? Precisaram de aprovação da FUNAI?

É necessário a autorização da FUNAI. O nosso contato com os Mekronotis foi facilitado um pouco pela visita anterior que fizemos, em 73. Nessa segunda visita, em 76, Cláudio Villas Boas nos acompanhou até o posto de Arum, onde foi colocado um guia à nossa disposição, para a visita aos Mekronotis. A aldeia Mekronoti fica ao norte do rio, a umas três ou quatro horas de barco, do nosso posto de Arum.

Por que o filme leva o nome do cacique dos Makronotis?

Porque Raoni é a figura central. Mas a idéia de cacique é um conceito nosso, porque na vida do índio todo mundo tem a palavra. Então, você tem um chefe espiritual, um chefe político e, também, tem o chefe de guerra, são vários chefes. Mas o Raoni é aquela figura que se destaca no filme, é aquela figura que nós seguimos, pessoa impressionante! Por isso o filme se chama Raoni.

Vocês ficaram vivendo na aldeia dos índios?

Não, ficamos um pouco afastado da aldeia, vivendo de

forma bem civilizada, numa casa de madeira, propriedade da FUNAI. De lá, a gente saía para filmar os índios, às vezes por três ou quatro dias, quando saíam para caçar, o que é uma atividade do cotidiano deles.

Como é que vocês conseguiram a amizade dos índios?

Essa foi a coisa mais difícil. De uma certa forma, essa amizade partiu só de alguns índios, porque grande parte da tribo não oferecia amizade. Eles não têm que oferecer. Então, a gente ficava conversando, procurando não apressar nada deixando as coisas realmente acontecerem. Organizar uma filmagem lá é muito difícil, realmente: não sai nada espontâneo. O jeito era ficar de prontidão à espera do que acontecesse. Por exemplo, aquele índio que volta à aldeia com uma onça que ele matou, foi uma coisa que aconteceu realmente. Nós estávamos sentados, conversando, aí chega o índio com uma onça! Foi aquele corre-corre, pegar as câmeras e começar a filmar.

Como é que vocês conseguiram um som de qualidade na selva? Quais as dificuldades que vocês enfrentaram?

A dificuldade maior foi a chuva. A filmagem foi feita em março, época em que os rios transbordam. A água já tinha invadido a floresta. Isso apresentava problemas técnicos, mas o Carlos Saldanha é um camera-man de grande talento. Quanto ao som, tudo que acontece lá é de tanta beleza, tanta pureza, que basta gravar para fazer uma coisa bonita.

E a cena do chefe Min, que diz: "Vamos começar a matar os brancos pela equipe que está aqui?" Vocês entenderam na hora? Como é que vocês enfrentaram essa situação?

Na hora, não estávamos sabendo. Só viemos a perceber o perigo depois, quando o filme foi traduzido por uma pessoa que fala a língua ge. E como eu estava dizendo: uma parte da tribo era hostil. Aquela determinação de se defender parte de algumas pessoas que, realmente, não querem saber do branco. Já o Raoni, por exemplo, optou por outra forma de resolver o problema, que é o diálogo. Como ele diz, primeiro vamos dialogar: se ninguém quer escutar, aí partimos para a briga. Ele propôs uma solução pacífica, enquanto a outra parte da tribo, chefiada pelo Min, queria a guerra.

Qual a sua impressão da vida dos índios? O que você aprendeu com eles nesse mês e meio no Xingu?

Tanta coisa que vai ser difícil dizer tudo agora. Mas o que mais impressiona, no caso dos índios Mekronotis, é a unidade de grupo que eles têm, a harmonia entre eles, da tribo com a natureza. Eles não matam por matar, matam para comer. Eles sabem guardar. O índio é um ecologista perfeito, tem um equilíbrio com a natureza, que nós perdemos, não temos mais nem compreensão do que é. Eles têm o tempo de viver, como disse o Cláudio Villas Boas no filme. O índio tem o prazer de poder se deitar na rede, de pensar, de brincar com os filhos, de reservar parte do seu tempo, simplesmente, para não fazer nada. Para nós, isso é um luxo, que a nossa vida não permite mais, o luxo de não fazer nada.

Os índios não se assustaram com aquele equipamento todo de filmagem?

Desta vez, como pretendíamos filmar os Mekronotis bem de perto, levamos um filme de 16 mm, que tínhamos feito três anos antes. E fizemos uma projeção, para que eles tivessem uma idéia do que estavam fazendo. A maior parte deles estava vendo um filme, conhecendo cinema pela primeira vez. Foi um grande sucesso na aldeia. Eles estavam vendo na tela, três anos antes, vendo os outros índios da área do Parque do Xingu de que tinham ouvido falar mas não conheciam. Isso, realmente, foi um impacto.

Eles podiam não saber como conseguíamos fazer aquilo, mas passaram a demonstrar uma certa simpatia pelo nosso trabalho. Mas havia alguns que entendiam, tá? O Raoni, depois de alguns dias, estava entendendo perfeitamente de som. O rádio - microfone que ele usa, por exemplo, eu só começava a gravar quando ele me dava ordem. Ele batia o microfone, perguntava: "tá bom?" e dizia: "Pode começar a gravar".

A FUNAI já assistiu ao filme? Aprovou?

A FUNAI assistiu há duas semanas, em Brasília. A reação, pelo menos da parte do general Ismarth e dos assessores presentes, foi bastante favorável à exibição nacional desse filme.

E os índios já viram?

Por enquanto, só alguns chefes Xavante, nessa ocasião. Eles estavam em Brasília para resolver o problema da demarcação das terras. Quando foram convidados para a projeção, não revelaram grande entusiasmo. Talvez pensando que ia ser mais um filme sobre índio. Mas, quando viram que em Raoni o índio tem realmente a palavra, eles sentaram, assistiram ao filme inteiro e saíram da sala bastante emocionados.

No debate, após a exibição no MIS, falou-se que os índios são uma nação dentro do Brasil...

É verdade. Os índios, há mais de 400 anos eram os donos do Brasil. Como disse Raoni, eles viviam no Rio de Janeiro, em São Paulo, viviam na beira do mar, quando chegaram os "caraíbas", e foram andando e andando até chegar ao interior, a esse pedacinho de terra em que hoje estão e que consideram uma nação. Eles têm uma cultura, uma forma de vida que é só deles. E estão dispostos a mantê-la. Como disse o Aritana (o verdadeiro): "Eu não quero perder os meus costumes. O importante para o índio é conhecer o branco para saber se ele é bom ou mau. Mas o importante é que ele se mantenha índio".

É o que revela o produtor do documentário Raoni, Barry Williams, nesta entrevista a Izilda Alves, exclusiva para o Jornal da Tarde.

Raoni, documentário onde os índios do Xingu expõem seus problemas de demarcação de terras, liberado pela censura estadual de São Paulo, pela censura para o Festival de Gramado e com cópia na Censura Federal, em Brasília, pode ser o vencedor do "Oscar", este ano. A informação é do produtor Barry Williams, também responsável pelo som direto do filme. Raoni já foi visto pela Academia de Hollywood e é um dos filmes pré-selecionados, que amanhã estarão sendo exibidos para o júri que indicará os candidatos a esse prêmio nos Estados Unidos. Ele concorre à categoria feature documentary, criada para documentários de longa-metragem, de qualquer nacionalidade. Destes, serão escolhidos cinco, que irão para a final, a 9 de abril.

Aprovado pela FUNAI, com certificado de

filme brasileiro pelo CONCINE (Conselho Nacional de Cinema), Raoni foi o vencedor do recente Festival de Gramado, como melhor filme, melhor fotografia, melhor edição e melhor música.

Raoni custou 2 milhões de cruzeiros, é narrado por Paulo César Pereiro, tem direção de Luiz Carlos Saldanha e Jean Pierre Dutilleux, produção de Pierre Louis Saguez e Barry Williams, música de Egberto Gismonti e montagem de Vera Freire. Na Embrafilme já está sendo tratada a sua exibição, brevemente, em São Paulo.

Nesta entrevista, Barry Williams fala sobre a convivência da equipe com os índios no Parque Nacional do Xingu, explica o que é o filme Raoni, conta como vivem os índios, o que aprendeu com eles.